

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JONATHA DE JESUS FERREIRA

**O BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE
DAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS DOS ESTAGIÁRIOS DA PRÁTICA DE
ENSINO DA UFPB**

JOÃO PESSOA

2020

JONATHA DE JESUS FERREIRA

**O BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE
DAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS DOS ESTAGIÁRIOS DA PRÁTICA DE
ENSINO DA UFPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

JOÃO PESSOA

2020

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383b Ferreira, Jonatha de Jesus.

O Bullying nas aulas de educação física : uma análise das intervenções pedagógicas dos estagiários da prática de ensino da UFPB / Jonatha de Jesus Ferreira. - João Pessoa, 2020.

50 f. : il.

Orientação: Iraquiton de Oliveira Caminha.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Bullying. 2. Educação Física. 3. Formação Docente.
I. Caminha, Iraquiton de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 37.06:796 (043.2)

JONATHA DE JESUS FERREIRA

**O BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS
INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS DOS ESTAGIÁRIOS DA PRÁTICA DE ENSINO
DA UFPB**

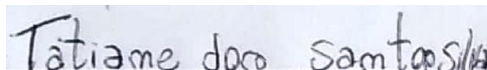
Monografia apresentada ao Curso de Educação Física
do Centro de Ciências da Saúde da Universidade
Federal da Paraíba como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em 07 de Dezembro de 2020.

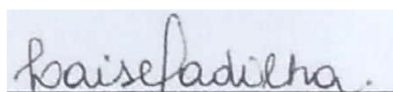
BANCA EXAMINADORA



Orientador - Prof. Dr. Iraquiton de Oliveira Caminha.
(Universidade Federal da Paraíba)



Membro- Profa. Tatiane dos Santos Silva
(Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba)



Membro- Profa. Dr. Laíse Tavares Padilha Bezerra
(Universidade Federal da Paraíba)

Aos meus pais Joelma e Josivaldo, a minha irmã
Amanda, a minha avó Geralda e ao meu companheiro
Adryan, que me motivam a lutar pelos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por todas as benções que derramou sobre mim.

A minha família, que sempre me incentivou a acreditar e lutar pelos meus sonhos.

Aos amigos que me apoiaram durante toda a trajetória acadêmica.

Ao Professor Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha, que desde o início da graduação me acolheu e me proporcionou momentos extraordinários de aprendizagem.

Ao grupo de pesquisa LAISTHESIS, onde conheci pessoas maravilhosas e dedicadas a Educação Física.

Aos Professores do DEF, pelos aprendizados.

Aos colegas de curso, que me ajudaram na elaboração desse trabalho de conclusão de curso.

Agradeço!

RESUMO

O Bullying é um problema social que acomete pessoas dos mais diversos países e classes sociais, sobretudo crianças e adolescentes no período escolar. O bullying é caracterizado como todo ato de violência, seja ela física ou verbal, que ocorre de maneira intencional e repetitiva causando dor e angústia às vítimas em uma relação de desigualdade de poder. Um dos ambientes mais propícios para o acontecimento dessas agressões são as aulas de educação física, pois muitas vezes são motivadas pelo sentimento de competição, o que leva à exclusão daqueles que por alguma característica física ou de gênero são considerados inferiores. O objetivo dessa pesquisa é analisar as intervenções pedagógicas dos estagiários de educação física da UFPB relacionadas ao bullying durante as aulas de educação física escolar. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo descritivo e estudo de caso, com corte temporal transversal, utilizando-se como técnica de análise de dados a análise de conteúdo. A coleta dos dados aconteceu por meio de uma entrevista semiestruturada realizada individualmente por meio da plataforma Zoom. Os participantes da pesquisa demonstraram poucos conhecimentos sobre o bullying. As intervenções realizadas para enfrentar o problema são pontuais e intuitivas. Os estudantes relataram não se sentir capacitados para atuar diante das situações envolvendo bullying. Acreditamos que esse estudo pode contribuir significativamente para um melhor entendimento da temática, ajudando na formação docente, bem como promover aulas mais inclusivas.

Palavras-chaves: Bullying. Educação Física. Formação Docente.

ABSTRACT

Bullying is a social problem that affects people from the most diverse countries and social classes, especially children and adolescents in the school period. Bullying is characterized as any act of violence, whether physical or verbal, that occurs in an intentional and repetitive manner causing pain and distress to victims in an unequal power relationship. One of the most favorable environments for the occurrence of these aggressions is the physical education classes, as they are often motivated by the feeling of competition, which leads to the exclusion of those who are considered inferior by some physical or gender characteristic. The objective of this research is to analyze the pedagogical interventions of physical education interns at UFPB related to bullying during school physical education classes. It is a qualitative study, descriptive and case study, with a transversal temporal cut, using content analysis as a data analysis technique. Data collection took place through a semi-structured interview conducted individually using the Zoom platform. Survey participants demonstrated little knowledge about bullying. The interventions carried out to face the problem are punctual and intuitive. The students reported not feeling able to act in the face of situations involving bullying. We believe that this study can contribute significantly to a better understanding of the theme, helping in teacher training, as well as promoting more inclusive classes.

Keywords: Bullying. Physical Education. Teacher Training

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	OBJETIVO GERAL	11
2.1	Objetivo Específico	11
3	MARCO TEÓRICO.....	12
3.1	História e Evolução do Fenômeno.....	12
3.2	Tipos de bullying.....	13
3.3	Legislação Brasileira sobre bullying	14
3.4	O bullying nas aulas de Educação Física.....	15
3.5	Formação de professores e estrutura escolar no combate ao bullying	18
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
4.1	Caracterização da Pesquisa	20
4.1.1	<i>Pesquisa Qualitativa</i>	20
4.1.2	<i>Pesquisa Descritiva</i>	20
4.1.3	<i>Corte transversal</i>	21
4.2	Universo e Sujeitos da Pesquisa	21
4.3	Critérios de inclusão na pesquisa	22
4.4	Critérios de exclusão na pesquisa	22
4.5	Instrumento de coleta de dados.....	22
4.6	Procedimentos de coleta de dados.....	23
4.7	Técnica de análise de dados	23
4.8	Design de análise de dados.....	24
4.9	Cuidados éticos	25
4.10	Segurança da pesquisa	25
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
5.1	Aspectos da ocorrência do Bullying nas aulas	26
5.2	Percepção discente sobre o bullying	30
5.3	Ações pedagógicas para o enfrentamento do Bullying e formação docente.....	33
5.4	Posicionamento da escola diante do Bullying	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	45
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	47

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA.....	48
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

O Bullying é um problema social que acomete pessoas dos mais diversos países e classes sociais, sobretudo crianças e adolescentes no período escolar. Muitas são as políticas públicas a nível mundial que tratam sobre o assunto buscando implementar medidas de combate e proteção aos prejudicados, mas na realidade o bullying ainda continua acontecendo e demanda um trabalho continuo de todos que compõe o sistema escolar para minimizar os impactos aos afetados.

A principal característica do Bullying são as agressões, sejam elas físicas ou psicológicas, feitas a pessoas que apresentam alguma característica que não é aceita pelo grupo a qual está inserida (BRASIL, 2015). Sendo assim, a escola surge como um dos principais ambientes onde isso pode acontecer. É nela onde as crianças e jovens estão se desenvolvendo intelectual, físico e socialmente. Portanto, é a partir desse período que as diferenças individuais começam a ficar mais acentuadas, potencializando a ocorrência do bullying.

As agressões podem ocorrer de forma direta por meio de xingamentos, agressões físicas e frases pejorativas relacionadas ao sexo, cor, etnia, corpo e orientação sexual em geral. Outras diversas características também podem ser motivo para as agressões como classe social e grupo que está inserido. O bullying também pode ocorrer de forma indireta por meio da exclusão de um indivíduo do grupo e difamação através de boatos negativos sobre a pessoa.

Diante disso, esse cenário pode contribuir para o surgimento de transtornos psicológicos nos afetados, como também problemas relacionados ao desenvolvimento social dos mesmos. Os jovens que lidam com essa problemática na escola são mais suscetíveis a desenvolver ansiedade, depressão e síndrome do pânico, entre outras doenças psicossomáticas (SILVA, 2015). Em casos mais extremos podem levar até mesmo ao suicídio, ou ao assassinato¹ em massa dos seus agressores e outras pessoas que fazem parte do seu convívio.

As crianças que sofrem bullying tendem a se isolar do convívio com os demais colegas, podem se tornar mais agressivas ou mais solitárias. Elas também podem passar acreditar que são realmente um problema para os demais, fato que exige um acompanhamento próximo por parte da escola e de outros profissionais da saúde para reverter a situação.

Outro problema enfrentado pelos jovens que sofrem com o bullying é a falta de preparo dos professores e demais funcionários da escola para lidar com a problemática. Muitos estudantes podem se sentir desamparados pela escola, pois não conseguem visualizar medidas

¹ Columbine (1999); Realengo (2011); Suzano (2019).

coerentes para combater as agressões que sofrem dentro do ambiente escolar. Essa falta de acolhimento pode até mesmo ser vista por alguns jovens como um incentivo a práticas de violências.

O bullying pode acontecer também durante as aulas de determinadas disciplinas, como é o caso da educação física. Essa disciplina historicamente valoriza aqueles que possuem maiores habilidades esportivas, o que consequentemente gera estereótipos e exclusão social (CHICON, 2008). A educação física, quando trabalhada de forma descomprometida com um projeto de formação humana séria, contribui em muitos aspectos para aprofundar as diferenças físicas entre os jovens, agravando o problema do bullying.

Os professores de educação física trabalham em suas aulas com um dos maiores alvos do bullying, o corpo. São nas aulas dessa disciplina que os alunos são convidados a vivenciar os jogos, as brincadeiras e o esporte. É nesse momento, motivado muitas vezes pelas competições entre grupos, que as agressões e exclusões se tornam mais visíveis.

As meninas são na maioria das vezes excluídas do futebol devido a pensamentos machistas, que muitas vezes adentram o ambiente escolar, reforçando os estereótipos de que os esportes de contato, entre eles o futebol, devem ser destinados aos meninos. As crianças que estão acima do peso também são alvos constantes das agressões, pois são consideradas fora dos padrões atléticos de competição. Esses são apenas alguns exemplos de bullying que a educação física escolar descomprometida pode gerar.

Diante disso, a escola se encontra diante de um problema complexo que exige medidas e ações efetivas para diminuir seus impactos. A escola precisa cada dia mais de professores capacitados e uma equipe pedagógica preparada para atuar positivamente frente ao bullying. A temática precisa ser tratada de forma didática por meio de palestras, vídeos, roda de discussões, jogos, entre outros.

Sendo assim, buscamos entender quais são as intervenções pedagógicas adotadas pelos estagiários do curso de licenciatura em educação física da UFPB para combater o Bullying durante as aulas de educação física escolar na cidade de João Pessoa/PB.

2 OBJETIVO GERAL

Analisar as intervenções pedagógicas adotadas pelos estagiários do curso de licenciatura em educação física para combater o Bullying nas aulas de educação física escolar.

2.1 Objetivos Específicos

- Descrever aspectos da ocorrência do bullying nas aulas de educação física escolar;
- Entender a percepção dos estagiários sobre o bullying por meio dos relatos narrados;
- Identificar os procedimentos metodológicos aplicados e/ou planejados com relação ao enfrentamento do bullying pelos estagiários de educação física investigados;
- Analisar as medidas adotadas pelas escolas para combater o bullying.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 História e evolução do fenômeno

Os primeiros estudos sistematizados sobre o Bullying foram realizados na década de 1970 pelo norueguês Dan Olweus cujos resultados culminaram no lançamento do livro *Aggression in the School: bullies and whipping boys* (1978). A partir de então, a temática passou a ser investigada por significativa quantidade de países obtendo resultados relevantes.

De acordo com Silva (2016), o termo bullying surgiu da palavra inglesa *Bully* e quer dizer valentão, tirano, brigão. E o sufixo “Ing” denota uma ação que está acontecendo, uma ação continua. Ainda de acordo com a autora, as agressões podem não apresentar motivações específicas ou justificáveis. Sendo assim, os agressores são motivados puramente pela sensação de poder e desejo de humilhar seus pares.

Além disso, para ser considerado bullying é preciso possuir as seguintes características: “intenção do autor em ferir o alvo; repetição da agressão; presença de público espectador; e concordância do alvo em relação a ofensa.” (ZEQUINÃO *et al.*, 2016, p. 183).

Segundo uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2016), metade das crianças e jovens do mundo foram vítimas de bullying em algum momento da vida, diante de situações que envolvem geralmente aparência física, orientação sexual, cor da pele e país de origem.

Ainda de acordo com a ONU só no Brasil esse percentual atinge 43% das crianças estudadas, o que segundo a organização acarreta em prejuízos para o desenvolvimento pessoal e interpessoal das vítimas. Corroborando com isso, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) do ano 2015 aponta que 7,4% dos estudantes investigados foram agredidos verbalmente e sentiram-se ameaçados e intimidados nos trinta dias que antecederam a pesquisa, sendo os estudantes das escolas públicas do Estado de São Paulo a região com o maior percentual desses casos.

O bullying se tornou um problema endêmico social, sobretudo pelas consequências fatais que gerou no Brasil e no mundo. Podemos citar os casos das tragédias ocorridas em Columbine²

² No dia 20 de abril de 1999 dois jovens estudantes vítimas de bullying mataram 12 colegas e 1 professor no colégio Columbine nos Estados Unidos, outras 23 pessoas ficaram feridas. Em seguida os dois cometeram suicídio.

(1999), Realengo³ (2011) e Suzano ⁴(2019). Esses são apenas alguns exemplos dentre centenas de outros casos já registrados.

3.2 Tipos de Bullying e os Diferentes Perfis no Cenário

O bullying pode ser classificado em quatro tipos: físico, verbal, relacional e eletrônico (BANDEIRA; HUTZ, 2012). Segundo os autores, o tipo físico é caracterizado por agressões físicas através de murros, chutes, empurrões e qualquer outra agressão que cause danos à saúde física da vítima. O tipo verbal tem como principal característica o insulto, o xingamento e a difamação. Esse tipo de Bullying busca humilhar os agredidos e coloca-los em uma posição de submissão em relação aos agressores.

O bullying relacional busca excluir determinada pessoa do convívio do grupo, e geralmente ocorre quando a vítima não possui as características exigidas pelo grupo. Esse tipo de bullying é definido como uma forma de agressão indireta e se dá:

“[...] pelo isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência, dificultando as relações da vítima com os pares ou prejudicando a sua posição social, por meio de boatos, ignorando a presença da vítima ou ameaçando os outros para que não brinquem com a mesma.” (ZEQUINÃO *et al.*, 2016, p. 183)

Esse tipo de Bullying é muito presente na adolescência e na fase escolar, pois é nesse período que os jovens tendem a iniciar a formação de grupos por características em comum.

O Bullying eletrônico ocorre através da internet e das redes sociais, por meio de divulgações de boatos, fotos e vídeos que ferem a dignidade da vítima. Esse tipo de bullying é mais frequente que os demais, pois através da internet os agressores podem se esconder atrás de perfis falsos e promoverem uma série de ataques deliberados.

Além dos tipos de bullying, é preciso reconhecer os papéis que cada sujeito desempenha nos cenários envolvendo bullying. Diante disso, quatro papéis são facilmente identificados durante as agressões, são eles: o agressor, a vítima, vítima/agressor e testemunhas ou espectadores. O agressor geralmente é mais velho que a vítima e se sente superior a mesma,

³ No dia 7 de abril de 2011 um ex-estudante invadiu uma escola municipal na zona oeste do Rio de Janeiro e matou 11 crianças, deixando outras 13 feridas. Em seguida, o ex-estudante cometeu suicídio.

⁴ No dia 13 de março de 2019 dois ex-alunos invadiram a Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, Estado de São Paulo e mataram 5 estudantes e 2 funcionários da escola. Em seguida, um atirador matou o outro e cometeu suicídio.

possui alto estima, melhor imagem corporal e é popular nos espaços que convive, esses sujeitos também tendem a ver a sua agressividade como uma qualidade (ZEQUINÃO *et al.*, 2016)

A vítima geralmente são aquelas crianças que apresentam alguma característica física, sentimental ou comportamental que difere do grupo, são mais retraídas, tímidas, com baixa estima e não conseguem revidar aos ataques dos agressores (BANDEIRA; HUTZ, 2012).

A vítima/agressor é a denominação dada aos sujeitos que podem ser ao mesmo tempo vítimas e agressores. Essas pessoas geralmente são impopulares e rejeitadas pelos seus pares, possuem personalidade provocativas, atitudes agressivas e prováveis alterações psicológicas. São também mais suscetíveis ao envolvimento com drogas e violência fora do ambiente escolar. (ZEQUINÃO *et al.*, 2016) (BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Por fim, os sujeitos que presenciam as agressões são chamados de espectadores ou testemunhas. Eles podem sentir simpatia pelas vítimas, mas na maioria das vezes não conseguem apoiar as vítimas, seja por medo de represálias ou falta de orientação sobre como agir (BANDEIRA; HUTZ, 2012).

3.3 Legislação Brasileira sobre o tema

Tendo em vista a amplitude do fenômeno foi aprovada no Brasil a lei 13.185/2015 intitulada Programa de Combate a Intimidação Sistemática (Bullying) que define o Bullying como:

[...] todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015, p. 1).

A lei de Bullying como ficou conhecida popularmente, busca promover a prevenção e combate ao Bullying na sociedade, a capacitação docente e da equipe pedagógica para solucionar o problema, bem como dar assistência psicológica, social e jurídica aos afetados, entre outras ações. Além da lei citada anteriormente, foi aprovada a lei 13.663/2018 que acrescenta ao artigo 12, página 14 da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) “a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas”.

Apesar dos avanços na legislação e de aplicação de medidas mais austeras para combater a problemática, não podemos afirmar que o problema parou de existir nas escolas do Brasil e que

os estudantes não se sentem mais afetados pelas condutas dos agressores. Pelo contrário, é necessário ampliar as discussões sobre a temática nas salas de aulas e com a comunidade no entorno das escolas, para que as crianças e jovens aprendam desde cedo a lidar com a diversidade de formas de existir no mundo e respeitem isso nos seus colegas.

Outro ponto a ser discutido são os direitos da criança e do adolescente estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que devem ser tomados como um dos pilares para combater a prática sistemática do bullying seja nas escolas ou fora delas. Segundo Paranaíba e Paranaíba (2016), o ECA adota a doutrina da proteção integral, reconhecendo as crianças e adolescentes como sujeitos dotados de direitos e deveres, devendo ser cuidadas com prioridade pela família e Estado para que se desenvolvam livre e sem qualquer tipo de agressão.

De acordo com o estatuto:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990).

Art. 18º É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. A violação de quaisquer desses direitos afeta a dignidade do infante juvenil, incidindo, portanto, em dano moral. (BRASIL, 1990).

Paranaíba e Paranaíba (2016) destacam também que a prática de bullying pode configurar ato infracional uma vez que essa prática pode se equiparar a vários crimes como injúria racial, injúria e lesão corporal. Além disso, os autores elucidam que a prática de bullying pelas crianças e adolescentes acarretam em responsabilidade objetiva por parte dos pais ou responsáveis legais, devendo os mesmos arcarem com os danos causados à saúde e à moral das vítimas.

Ou seja, a integridade física e mental das crianças e adolescentes devem ser preservadas em todos os espaços, sobretudo nas escolas, assim como devem ser punidos todos aqueles que não agirem diante de tais situações. Sendo assim, podemos dizer que o bullying é um ato de violência que pode vir a ser punido legalmente como crime previsto na legislação brasileira.

3.4 O bullying nas aulas de Educação Física

A Educação Física escolar durante muito tempo priorizou o desenvolvimento do corpo, seguindo criteriosamente os padrões estabelecidos por cada época do que era considerado como

belo, atlético e saudável. No entanto, esses estereótipos acerca do corpo ideal resultaram por muito tempo em exclusões das aulas de Educação Física daqueles que não possuíam tais atributos. Fato que mostra que a educação física escolar foi conivente durante muito tempo com as práticas de bullying.

Dentre os motivos alvos da prática de bullying durante as aulas de Educação Física está a aparência física. Esse fator muitas vezes é determinante para a inclusão ou exclusão de determinados alunos nas equipes esportivas durante as aulas. Sobre isso Lobo e Santos (2016) destacam as crianças com obesidade e sobrepeso como o maior alvo de bullying. De acordo com as autoras a violência manifestada na forma física e verbal são mais frequentes que as agressões relacionadas a cor da pele, religião ou deficiência.

Além disso, as crianças com sobrepeso ou obesidade são submetidas a intenso estresse psicológico no ambiente escolar, o que leva ao isolamento social, diminuição da autoestima e dificuldades de relacionamento, podendo evoluir para quadros conhecidos como depressão e ansiedade (LOBO; SANTOS, 2016).

É importante refletir também que o bullying causado pela obesidade não está ligado somente aos problemas relacionados a saúde, mas também pelo padrão de corpo imposto pela sociedade contemporânea (BERLESE *et al.*, 2017). Segundo os autores, a partir do século XX ocorre a valorização exacerbada da aparência física, dando início a era das cirurgias plásticas, dos regimes e distúrbios alimentares, fatores que aprofundaram cada vez mais os estigmas relacionados a obesidade.

Outro alvo de bullying relatado na literatura é a violência decorrente das diferenças de gêneros. Viana *et al.* (2015) aponta que o bullying é mais frequente em aulas mistas e ocorre, na maioria das vezes pelas diferenças de habilidades motoras entre meninos e meninas, sendo estas consideradas com o nível inferior quando comparadas com os meninos. Os autores destacam ainda que a violência verbal é mais frequente nesse tipo de bullying, o que pode levar a constrangimentos e sofrimento emocional.

Sobre as diferenças de gênero na prática de bullying, Mattos e Jaeger (2015) destacam que as agressões são mais frequentes entre os meninos e que os mesmos utilizam mais a força física para intimidar as vítimas, enquanto as meninas utilizam mais a agressão verbal. Segundo as autoras essas diferenças na forma de agressões relacionadas ao gênero têm a ver com a forma como a escola generifica os corpos de acordo com os estereótipos sociais. Para os meninos:

[...] investe-se em uma determinada construção de masculinidade em que os esportes coletivos, as brincadeiras de lutas, o suor, o esforço físico intenso, a

competição e uma certa violência consentida não são apenas esperados, como também estimulados entre os meninos; vivências que os encaminham a uma direção, produzindo um certo tipo de garoto (MATTOS; JAEGER, 2015, p. 350).

Para as meninas:

A escola investe na produção de uma feminilidade referente que as ensina a serem obedientes, ouvintes, delicadas e avessas à agressão, prescrevendo as ginásticas e o voleibol como ingredientes de uma educação que produz um determinado tipo de garota (MATTOS; JAEGER, 2015, p. 350).

Dessa forma, os meninos são educados para serem sujeitos mais agressivos e impositivos, o que reflete na maior incidência de violência física, enquanto as meninas são educadas para serem sujeitos mais passivos e delicadas, refletindo na maior incidência de agressões verbais. Não obstante, devemos nos ater a violência simbólica que a escola pratica ao estabelecer papéis de gênero, sobretudo nas aulas de educação física ao diferenciar esportes em masculinos e femininos.

A cor da pele também é um dos grandes alvos de bullying na escola, para Crelier e Silva (2018) apesar das evoluções no debate sobre preconceito racial na sociedade, manifestações racistas ainda são presenciadas na escola e nas aulas de educação física. No estudo realizado pelos autores constatou-se também que certas falas racistas são toleradas pelos professores e pela escola por causa da faixa etária. Outro ponto levantado pelos autores foi a naturalização de ideias e práticas racistas entre os adolescentes.

Ainda, de acordo Crelier e Silva (2018), os professores de educação física não estão preparados para abordarem a temática étnico-racial durante as aulas, pois durante a análise curricular e em entrevistas os autores constaram que no cronograma de aulas o esporte era preponderante, não havendo previsões sobre aulas que abordassem a cultura afrodescendente. Além disso, os professores relataram que não tiveram contato com o ensino de elementos da cultura afro-brasileira durante a formação docente.

A homofobia também é uma forma de violência que precisa ser superada nas aulas de educação física, de acordo com Beserra *et al.* (2019), a homofobia no ambiente escolar se manifesta por meio de agressões verbais e/ou físicas contra estudantes que não se enquadram no padrão heteronormativo e pode contribuir diretamente para o abandono dos estudos e desencadear um quadro depressivo. Outras vítimas do bullying são as travestis e transsexuais que diferente dos gays e lésbicas, tem mais dificuldades de esconder suas diferenças, o que os torna alvos mais visíveis para os agressores. Os autores destacam também que apesar dos

professores possuem uma conduta combativa frente a homofobia, o tema ainda não é bem trabalhado durante as aulas, sendo tratado apenas quando é vivenciado.

O ambiente escolar quando não opta por promover campanhas de combate à discriminação e homofobia pode vir a tornasse um ambiente propagador da violência de gênero que ocorre no seio da sociedade. Sendo assim:

[...] na escola, a homofobia não é só consentida, mas também ensinada. A instituição escolar pode ser um espaço de (re)produção de preconceitos sociais, sexuais, raciais e de gênero, tornando-se um ambiente para construção de discriminações e violências (PRADO, 2017, p. 505).

Corroborando com isso, a pesquisa de Albuquerque e William (2015) sobre experiências homofóbicas que marcaram a vida de estudantes mostram que 21 entrevistados sofreram com comentários maldosos sobre sua sexualidade, insultos, ridicularizações, atribuições de apelidos maldosos, omissão e preconceito por parte de professores. Fatos que contribuíram para o desempenho escolar deficitário, isolamento, comportamento agressivo e ausência de vínculos protetivos com a instituição.

3.5 Formação de professores e estrutura escolar no combate ao bullying

Para o enfrentamento eficaz do bullying no ambiente escolar é necessário que o tema tenha sido bem discutido durante a formação docente ou em cursos de formação continuada. Porém, os estudos de Clemente *et al.* (2020) e Silva *et al.* (2018) apontam que os professores entrevistados, apesar de já terem presenciado em determinado momento alguma prática de bullying, não se sentem preparados para atuarem na resolução de conflitos envolvendo adolescentes, sobretudo, quando estão relacionados a prática de bullying.

De acordo com Clemente *et al.* (2020) e Silva *et al.* (2018), a formação de professores atualmente no Brasil não abrange a temática de combate ao bullying de forma satisfatória. Segundo os mesmos, as discussões acerca do tema não são prioridade por parte da equipe pedagógica das escolas, fato que pode ser comprovado por meio da ausência de protocolos específicos para lidar com as vítimas ou agressores, assim como a ausência de discussões sobre o tema durante as aulas e plataformas de denúncia de casos de bullying, fatores que contribuem para a insegurança e inabilidade na resolução de problemas no âmbito escolar e para a continuidade das agressões.

Outro fator a ser levado em consideração no combate ao bullying, segundo Clemente *et al.* (2020), é a obrigação conjunta de educar que deve ser desempenhada pela família e pela escola. Para os autores, essas duas instituições deveriam estabelecer relações de confiança e

parceria no ensino de valores culturais, normas e comportamentos sociais para que as crianças aprendam a lidar com os diferentes jeitos de ser dos outros. Porém, a falta de apoio por parte de gestores escolares e da própria família, faz com que a violência ocorra de forma cada mais banal dentro da escola, fazendo crianças e até mesmo professores como vítimas.

Sobre a forma como é feito o combate ao bullying pelos professores Tognetta e Daud (2018) comentam que são na maioria das vezes baseados na intuição e improviso, o que demonstra o despreparado e falta de investimentos na formação de professores. Segundo os autores, as manifestações de bullying na escola são, em parte, causadas pela insuficiência de conteúdos de natureza moral, ignorados, sobretudo, pelos professores. Dessa forma, é preciso que a escola não veja essa forma de violência como algo trivial que faz parte da convivência dos alunos, mas que trate o bullying, sobretudo, como um problema mais complexo cuja resolução depende da assimilação de valores morais por todos que fazem a escola.

Além disso as ações dos professores diante do bullying, segundo Tognetta e Daud (2018), consistem em exclusão temporária dos agressores da sala de aula, encaminhamento para a direção e outras formas de castigos e punições, que apenas terceirizam um problema complexo que deveria ser tratado primariamente em sala de aulas, isentando os professores de suas responsabilidades no ensino de valores morais para superar o problema. Os autores chamam atenção também que para atuarem nas escolas os professores deveriam desenvolver formas eficazes de negociação e resolução de conflitos.

Dessa forma, assim como Clemente *et al.* (2020), Tognetta e Daud (2018) concordam que a violência juvenil e os problemas relacionados a convivência devem ser tratados nos cursos de formação de professores como um fator fundamental para criar estratégias de enfrentamento eficientes e superar a problemática do bullying escolar.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização da Pesquisa

A presente pesquisa trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo descritivo e estudo de caso, com corte temporal transversal, utilizando-se como técnica de análise de dados a análise de conteúdo. Nesta proposta nos voltamos à interpretação de um fenômeno partindo da exposição, descrição e análise de suas características seguindo um caminho rigoroso e obedecendo aos critérios científicos de consistência, coerência, originalidade e objetivação.

4.1.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa é de acordo com (GIL, 2002), um modelo clássico de investigação na antropologia, que focaliza em uma comunidade não necessariamente geográfica, sendo realizada a partir da observação direta do grupo estudado e de entrevista com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo

De acordo com Stake (2011), podemos destacar quatro importantes características do estudo qualitativo: interpretativo, experiencial, situacional e personalístico. É interpretativo, pois este autor recomenda a fixação nos significados das relações humanas, entendendo esta perspectiva a partir de diferentes pontos de vista.

É experiencial, ou seja:

É empírico e está direcionado ao campo. Enfoca as observações feitas pelos participantes e leva mais em consideração o que eles veem do que o que sentem. Esforça-se para ser naturalístico, para não interferir, nem manipular para obter dados. Sua descrição oferece ao leitor do relatório uma experiência indireta (vicária). Está em sintonia com a visão de que a realidade é uma obra humana. (STAKE, 2011, p. 25).

É situacional, logo “É direcionado aos objetos e às atividades em contextos únicos.” (STAKE, 2011, p. 25). Por fim, é personalístico, sendo assim, visa compreender as percepções individuais, buscando mais a individualidade do que a semelhança. (STAKE, 2011, 26).

4.1.2 Pesquisa descritiva

A pesquisa descritiva tem sido muito utilizada nas ciências, sobretudo, naquelas que buscam compreender determinados eventos sociais. Esse tipo de pesquisa tem como finalidade descrever, observar e analisar a forma como um fenômeno se manifesta para determinada população, sem que haja a intervenção do pesquisador. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 52),

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação.

Outro aspecto importante da pesquisa qualitativa é rigor metodológico para não cometer equívocos na hora de interpretar os dados. Para que pesquisa descritiva seja válida, o pesquisador deve possuir, segundo Trivinos (1987), uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, e uma precisa delimitação de técnicas, métodos e modelos que nortearão as etapas de coleta e interpretação dos dados.

4.1.3 Corte transversal

Os estudos de corte transversal são bastantes utilizados, sobretudo, nas pesquisas que visam apenas descrever como um fenômeno se manifesta em determinado momento. Esse tipo de estudo possui segundo Sitta *et al.* (2010), a vantagem de apresentar baixo custo para o pesquisador, simplicidade analítica, alto potencial descritivo e rapidez na coleta.

Nas pesquisas de corte transversal os dados são coletados em um ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever uma população nesse determinado momento Richardson (1999). Ou seja, ao contrário dos estudos longitudinais, que acompanham uma população selecionada durante um período de tempo, os estudos transversais buscam interpretar o fenômeno no momento em que ele acontece, sem interferir em suas variáveis.

4.2 Universo e Sujeitos da Pesquisa

O universo da pesquisa abrange os discentes do curso de educação física da UFPB. Participaram do estudo 13 estudantes de ambos os sexos matriculados regularmente na

instituição. A escolha dos sujeitos foi intencional e não-probabilística. Características de gênero e sexo não foram levados em consideração.

4.3 Critérios de inclusão na pesquisa

Definiram-se os seguintes critérios de inclusão:

- a) Ser voluntário na pesquisa;
- b) Estar regularmente matriculado no curso de educação física;
- c) Ter concluído no mínimo a disciplina de estágio supervisionado II ou ser aluno de programas de iniciação à docência;
- d) Ter vivenciado alguma situação envolvendo Bullying.
- e) Ter assinado o TCLE correspondente a pesquisa.

4.4 Critérios de exclusão da pesquisa

Definiram-se os seguintes critérios de exclusão:

- a) Não ser voluntário;
- b) Não estar regularmente matriculado no curso de educação física da UFPB.
- c) Não ter concluído a disciplina de estágio supervisionado II ou não ser aluno de programas de iniciação à docência.
- d) Não ter vivenciado situações envolvendo Bullying.
- e) Não ter assinado o TCLE correspondente a pesquisa.

4.5 Instrumentos de coleta dos dados

Optamos por utilizar a entrevista semiestruturada por teletrabalho (Apêndice A) como instrumento de coleta de dados, pois este tipo de instrumento dado o período de pandemia da COVID-19 permite ao pesquisador obter nas informações coletadas sobre o tema uma maior riqueza de detalhes. De acordo com Quaresma (2005, p. 75),

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da

entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Sendo assim, esse instrumento de coleta de dados mostrou-se mais apropriado a finalidade da nossa pesquisa, pois permite que os dados coletados tenham como fonte as narrativas das pessoas que vivenciam o fenômeno estudado. Essa forma de entrevista permite também que o pesquisador tenha a oportunidade de investigar mais a fundo o seu problema de pesquisa a partir da possibilidade de formulação de novas perguntas ao longo da entrevista.

4.6 Procedimentos de coleta de dados

Para coleta dos dados foram convidados os discentes do curso de licenciatura em educação física da UFPB que se encaixavam nos critérios de inclusão da pesquisa, em seguida foram explicados os objetivos da pesquisa e o esclarecimento de possíveis dúvidas sobre o estudo.

O instrumento de coleta de dados foi aplicado on-line por meio da plataforma Zoom de forma individual sem a presença de outros alunos ou professores no ambiente. Foi estabelecido em média cerca de 30 minutos para as respostas. As coletas foram realizadas no mês de outubro de 2020 durante o período suplementar do semestre de 2020.1 e foram analisadas sob a Técnica de Análise de Conteúdo.

4.7 Técnica de análise dos dados

Como técnica de análise dos dados decidimos utilizar a análise de conteúdo, que de acordo com Chizzotti (2011) é uma forma de interpretação sistemática de textos com o intuito de extrair os significados temáticos ou os significantes lexicais presentes nas narrativas. Portanto, a análise de conteúdo parte da concepção que existem sentidos e significados, explícitos ou implícitos, dentro de um texto que podem ser alcançados pelo investigador através de técnicas sistemáticas e apropriadas.

Ainda segundo o autor supracitado:

A análise de conteúdo parte do pressuposto de que o léxico, um vocábulo que é uma palavra discreta do texto, constitui uma síntese condensada da realidade e a frequência de seu uso pode revelar a concepção de seu emissor, os seus valores, opções e preferências. (CHIZZOTTI, 2011, p. 117).

De acordo com Bardin (2009), a análise de conteúdo é dividida em três fases: pré-análise; exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira fase, pré-análise, compreende cinco etapas: a leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos, a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, e, por fim, a preparação do material.

Na segunda fase, exploração do material, o material é codificado em unidades de registros e unidades de contextos. A codificação consiste no processo de transformação dos dados brutos do texto, seja por meio de recorte, enumeração ou agregação. Tornando possível uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo.

Na terceira fase, o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, o investigador busca entender os significados presentes e ocultos no texto a luz da fundamentação teórica do estudo.

4.8 Design de Análise dos dados

A seguir estão elencados as categorias e variáveis que compõe o instrumento de coleta de dados e que, portanto, serviram como foco de análise da presente pesquisa.

- **Aspectos da ocorrência do bullying nas aulas:** essa categoria busca investigar/analisar o contexto em que ocorreram as situações envolvendo bullying.

Variáveis: local onde ocorreu o Bullying; características e comportamentos dos indivíduos que sofreram ou praticaram Bullying.

- **Percepção discente sobre o bullying:** esta categoria busca compreender o que os estagiários percebem ou pensam sobre o bullying

Variáveis: O que você pensa sobre a prática de bullying; por que você acha que as pessoas sofrem bullying; o que você pensa sobre as pessoas que praticam bullying.

- **Ações pedagógicas adotadas para o enfrentamento do Bullying:** esta categoria busca identificar quais foram as ações pedagógicas desenvolvidas pelos estagiários para o enfrentamento do Bullying.

Variáveis: formas de abordagem do tema Bullying nas aulas (palestras, vídeos, fotos, jogos); formas de intervenção para combater o Bullying.

- **A posição do professor diante do bullying na visão discente:** esta categoria busca analisar se os discentes percebem algum posicionamento do professor de educação física diante do bullying.

Variáveis: Forma como os professores abordam o bullying nas aulas; forma de intervenção dos professores durante as situações envolvendo bullying.

- **Posicionamento da escola diante do bullying:** esta categoria busca compreender como a escola aborda a temática do bullying durante o ano letivo, quais são as estratégias utilizadas e as formas de intervenção.

Variáveis: forma como a escola e professores abordam o bullying; forma como a coordenação ou direção interveem nos casos de bullying; presença ou ausência de protocolos ou programas de combate.

4.9 Cuidados éticos

A pesquisa seguiu rigorosamente os princípios éticos de respeito, impessoalidade, honestidade, dignidade, confidencialidade, entre outros critérios que obedecem a norma Nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Os objetivos da pesquisa foram esclarecidos individualmente, e o pesquisador se colocou à disposição para explicação de qualquer dúvida que possa surgir no transcorrer da coleta.

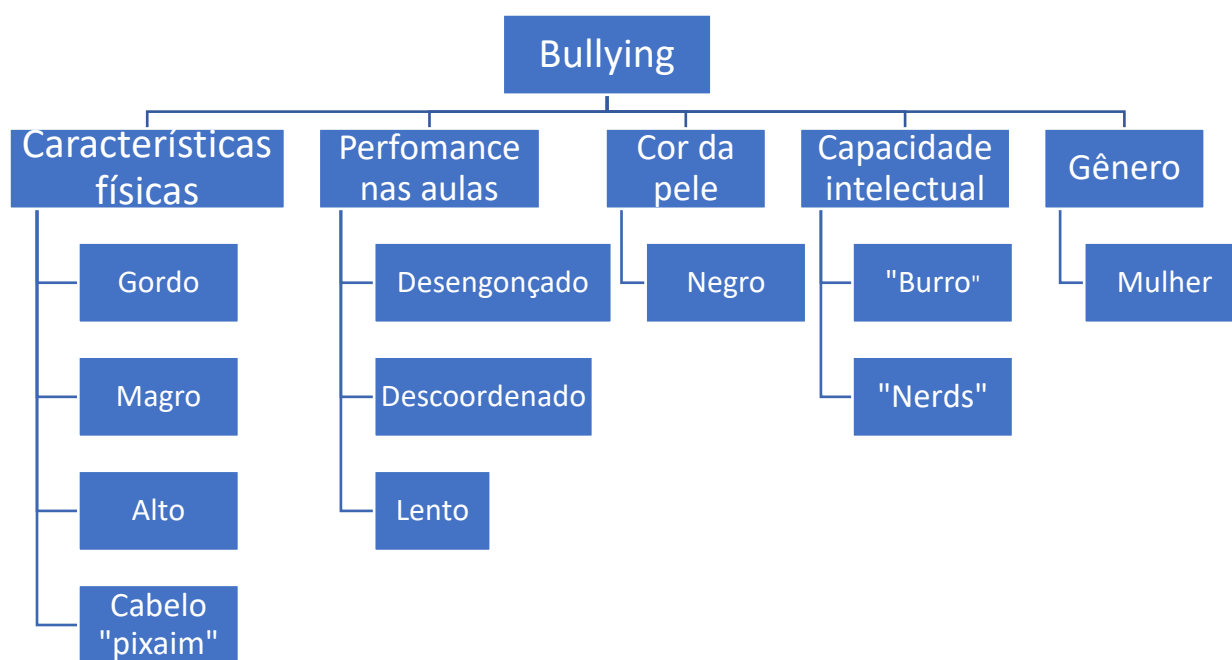
4.10 Segurança da pesquisa

O instrumento de coleta de dados foi aplicado por meio de uma vídeo chamada na plataforma Zoom. O pesquisador respeitou a decisão dos participantes em não querer responder possíveis perguntas. A pesquisa não ofereceu nenhum risco a integridade física dos participantes. Os participantes foram informados sobre a possibilidade de desistência a qualquer momento da pesquisa durante a coleta de dados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Aspectos da ocorrência do Bullying nas aulas

Figura 1 – Características dos estudantes alvos de Bullying



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Quando questionados sobre a ocorrência do bullying durante as aulas de educação física escolar por meio da questão “*você já presenciou situações envolvendo bullying durante as aulas de educação física*”, cerca de 10 (dez) dos 13 (treze) entrevistados relataram que presenciaram em algum momento dos estágios supervisionados a ocorrência do bullying. Além disso, os mesmos destacaram que as motivações que levavam a prática de bullying eram as mais diversas, dentre as quais estão a aparência física.

Sim. Já. [...] quando dei aula na escola básica, [...] os meninos tinham uns 7 anos, [...] tinha um menino, que era grande e gordo, e se destacava. E toda vida que ele ia entrar na brincadeira, a confusão era grande. Por ele ser muito grande, os meninos meio que davam uma excluída nele, sabe? Pela força que prevalecia, os meninos tinham medo de brincar com ele. (Suj. 1)

Sim. Sempre há um aluno que é, como posso dizer, gordo. Enfim, tem isso da gordofobia. Principalmente nas aulas de educação física, quando os alunos

não conseguem realizar as atividades ao mesmo tempo e velocidade dos outros, então sempre tem essas ações contra esses meninos. (Suj. 6)

Todas as vezes havia bullying. [...] tinha uns que eram gordos, outros mais introspectivos, acho que tinha autismo. Negros também. (Suj. 3)

Nas falas dos sujeitos percebemos que as crianças que estão acima do peso são um dos principais alvos de bullying. Segundo Berlese *et al.* (2017), muitos estigmas e preconceitos cercam o indivíduo obeso, formando uma barreira complexa e difícil de ser ultrapassada. De acordo com os autores, os obesos são julgados como uma espécie indesejável e fora dos padrões de saúde, associando a gordura a um valor negativo nas relações sociais, o que pode afetar a saúde emocional e física do sujeito obeso.

Outros alvos de bullying eram os alunos negros:

Já presenciei no ultimo estagio no ensino médio. Era mais uma questão de raça [...] racismo descarado, assim... como se fosse natural, mais de uma pessoa. O menino fez um gol na aula e outro foi e gritou um monte de palavras, ele e uma turma, “ah, fim de slide” e saiu emendando um monte de xingamento. Todo mundo ficou rindo porque o rapaz era negro né, e aí o professor entrevistou e deu um problema danado. (Suj. 7)

[...] tinha uma menina negra, gorda, retinta e o cabelo dela era crespo e não crescia e ela tinha muita vergonha. E aí, ela era muito gorda e também muito alta, então ela era muito grande, e ela intimidava pelo porte físico dela, por ser forte e tudo mais, então todo mundo que mexia com ela, mexia ou em tom de brincadeira ou mexia tipo, correndo, se escondendo, com medo dela ser agressiva. (Suj. 12)

Nas falas desses sujeitos percebemos que a cor da pele é o principal alvo de bullying. Para Carapello (2020, p. 172) “Quando as ofensas, as agressões, a violência sofrida pelos sujeitos está relacionada a sua cor, aos seus traços e à sua história, isso não é bullying, é racismo.”. Nesse sentido concordamos com a autora, pois o racismo deve ser encarado como um fenômeno complexo e diferente do bullying devido as suas particularidades. Ainda segundo a autora, ao diferenciar o racismo do bullying, não tem a intenção de diminuir ou minimizar os danos causados pelo bullying, mas sim, destacar que são violências distintas, pois o racismo tem uma origem, um alvo e uma motivação distinta.

Segundo Crelier e Silva (2018), falar em racismo no Brasil, sobretudo no ambiente escolar, é um tabu, uma discussão perigosa que a sociedade evita. Segundo as autoras, no Brasil existe uma falsa ideia de democracia racial onde todos os grupos convivem pacificamente, inviabilizando discussões mais aprofundadas sobre a temática.

Além disso, Crelier e Silva (2018, p. 1309) destacam que “Embora se tenha evoluído nessas discussões, manifestações racistas são reativadas no ambiente escolar, e também nas aulas de educação física escolar.”. Durante as pesquisas, as autoras constataram também que há um certo desconhecimento dos professores de educação física sobre aspectos relacionados a cultura afro-brasileira e africana, fato que foi atribuído pelos professores as poucas discussões no ambiente acadêmico durante a formação em educação física, o que influencia negativamente nas formas de abordagens sobre o tema durante as aulas.

Também encontramos nos discursos dos sujeitos, referenciais relacionados ao bullying com relação as habilidades motoras.

[...] tinham um magro, bem altão, que nunca era escolhido pelos times porque era desengonçado [...] era terrível pra jogar vôlei, e nunca escolhiam o coitado. (Suj. 1)

Já. No estágio eu via bastante, principalmente na minha turma de sétimo ano era muito problemática. [...] O motivo que eles faziam isso era por pura implicância. Eram os inteligentes, eram aqueles que tinham dificuldades na parte do esporte, na coordenação motora. Só queriam os que tinham uma certa facilidade nas aulas. (Suj. 2)

Já. Aconteceu algumas vezes até por falta de habilidades de um componente ou outro do grupo, as pessoas meio que tinham predileção por aqueles que tinham um desenvolvimento motor mais aprimorado. Enfim, por conta dessa questão competitiva de você querer sempre ganhar e escolher sempre os melhores, os que se destacam mais. Algumas vezes as crianças não queriam participar, se sentiam um pouco chateada ou oprimida ou meio que deixada de fora. (Suj. 9)

Nas falas desses sujeitos, percebemos que a baixa performance nas aulas de educação física é um dos motivos utilizados pelos agressores para a prática de bullying. Sobre isso, Araújo e Magalhães Neto (2019) destacam que os alunos com menos habilidades e pouco desempenho motor são mais vulneráveis a sofrerem agressões e intimidações, além de serem alvos constantes de comentários maldosos sobre seu desempenho nas aulas. Fatos que levam a exclusão dos menos habilidosos de jogos e brincadeiras durante as aulas de educação física.

Observamos também que o gênero dos estudantes era alvo de bullying

[...] E também com questão das meninas em participar do futebol. Isso foi evidente, tanto os meninos sem querer que elas participassem dos grupos, tanto quanto o julgamento da escola, o julgamento externo que ela por estar jogando ela era “sapatão”. (Suj. 7).

No meu primeiro estágio no ensino infantil teve bullying dos meninos com as meninas, dos meninos não quererem correr com as meninas porque eram meninas e não iam correr tanto como eles. (Suj. 3).

Sobre as relações de gênero que se desenvolvem no âmbito escolar, Mattos e Jaeger (2015) apontam que a escola é um local de reprodução e afirmação de comportamentos sociais tidos como normativos. Nesse sentido, as autoras destacam que as escolas investem na formação de masculinidades e feminilidades socialmente aceitas. Ou seja, enquanto os meninos são estimulados a praticarem esportes coletivos, a fazerem esforço físico intenso e demonstrarem superioridade física, as meninas são educadas para serem obedientes, delicadas e avessas as agressões. Portanto, qualquer conduta que as meninas pratiquem no sentido de contrariar os papéis a elas impostos, torna-se motivo de conflitos e Bullying.

Quando questionados sobre a forma como o bullying era praticado, os entrevistados relataram que na maioria das vezes a exclusão social e os xingamentos eram as formas mais praticadas. Esses dados corroboram com a pesquisa de Bandeira e Hutz (2012) e Viana, De Souza, Pereira dos Reis (2015) que notaram que os tipos verbal e relacional de prática de bullying são mais frequentes entre os adolescentes. Ainda segundo os autores esses tipos de bullying tendem a passar despercebidos pelos professores e funcionários da escola, pois existe a crença de que a agressão verbal não é tão prejudicial como os ataques físicos. Porém, os autores destacam que as marcas deixadas pelo bullying verbal são silenciosas e graves.

Em dois casos houve o relato de agressões físicas motivadas pelo bullying.

Teve uma situação que eu presenciei que teve troca de murro de verdade, até bateu no professor. Eu fiquei em choque, sem saber o que fazer. Mas na hora o professor responsável entrou no meio e levou os dois pra coordenação e os dois foram suspensos. (Suj. 5).

Em casos mais extremos teve xingamento, teve briga. [...] eu lembro que eles ficavam perturbando os meninos mais nerds [...], e aí teve um momento que um desses meninos que era vítima, que ele não aguentou mais, ele simplesmente falou, gritou [...] não lembro a palavra que ele usou, eu lembro que ele se exaltou, pediu pro menino parar, que ia chamar a diretora, e os meninos não paravam, aí o menino que praticava o bullying deu um empurrão nele, aí foi na hora que eu entrei na sala junto com a professora, separamos os dois e encaminhamos pra diretoria. (Suj. 2).

As falas acima sobre os casos de violência física entre os estudantes mostram que o bullying pode chegar a situações extremas. Sobre isso, a pesquisa de Maia, Araújo e Júnior (2012) encontrou dados que mostram ser essa uma das formas de violência mais frequente no cotidiano de estudantes adolescentes. Além disso, os pesquisadores perceberam que é frequente a transformação da violência psicológica em física. Segundos os autores, as agressões por vezes

iniciam por meio de provocações verbais e xingamentos e evoluem para brigas, socos, empurrões e pontapés.

5.2 Percepção discente sobre o bullying

Essa categoria buscou investigar as percepções dos entrevistados sobre o bullying por meio da pergunta “*o que você entende como Bullying*” Notamos que as respostas mostraram que os entrevistados na maioria dos casos remetem o bullying a violência seja ela física ou psicológica.

Figura 2 – Percepção dos estagiários sobre o Bullying



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

É quando você ofende uma pessoa pelas características físicas dela, ou pela orientação sexual, as vezes também pela desenvoltura dela nas atividades. Porque alguns alunos são excluídos por outros porque não tem um bom desempenho nas atividades físicas ou não são bons em alguns trabalhos da escola. (Suj. 5).

Seria uma ofensa, um apelido que a pessoa não gosta e a pessoa fica insistindo, e isso vai magoando a pessoa e pode até chegar a casos mais agressivos. É uma ofensa que a pessoa não gosta, não se sente bem. (Suj. 8).

A discriminação por alguma característica peculiar da pessoa, a discriminação, a chacota por alguma característica bem pessoal dela, algo que ofenda, que seja engraçada só pra aquela pessoa que ta praticando a brincadeira. Algo que seja divertido pra um grupo que ta executando e algo depreciativo pra aquela pessoa que sofre isso. (Suj. 9).

Diante dessas falas, percebemos que os entrevistados não possuem um conceito bem elaborado e aprofundado sobre o que seria o Bullying, porém os discursos apontam características capazes de identificar situações envolvendo esse fenômeno. Nesse sentido, as falas dos estagiários se aproximam da definição de Bullying estabelecida por Tognetta e Daud (2018, 373) como “um ato de desrespeito e, portanto, um problema moral, o bullying é uma forma de violência repetida, intencional, sofisticada e degradante.”

Segundo os autores, é violência porque fere a liberdade do outro. É intencional porque a falta de sensibilidade moral do agressor faz com ele não se comova com a dor do outro e, tampouco, consiga enxergar a dignidade das vítimas, o que o leva subjugar o seu par para sentir-se melhor. Por fim, é sofisticada porque nem todo aquele que é estereotipado é vitimizado.

Ainda dentro dessa categoria, os entrevistados foram questionados sobre as motivações que levam a prática do bullying entre as crianças e adolescentes por meio da pergunta: *qual sua opinião sobre as pessoas que praticam o Bullying?* As respostas mostraram que há vários fatores que podem levar a essa prática, dentre eles, as relações desenvolvidas no âmbito familiar.

Às vezes eu acho que vem muito da educação que a pessoa recebeu em casa. E as vezes até por traumas que a pessoa teve também e ela meio que quer descontar em outra pessoa, é meio tipo uma forma de descarregar e ela não percebe o mal que ela está causando a ela e ao outro colega também. (Suj. 5)

Nessa fala, percebemos que o entrevistado relaciona o fato de praticar bullying a experiências negativas na educação familiar. Sobre isso, Oliveira *et al.* (2017, p. 1560) apontam que: “[...] falta de afetividade dos pais; permissividade da agressividade entre irmãos, colegas, e até mesmo adultos; rejeição; superproteção; pais negligentes; dificuldades de comunicação com os pais; uso de castigos físicos e explosões emocionais para disciplinar os filhos.”. São fatores de risco para a prática de bullying, e devem ser considerados nas propostas de intervenção e enfrentamento do fenômeno.

Outros fatores destacados pelos estagiários que podem levar a prática de bullying são o sentimento de bem-estar e autoafirmação em grupos.

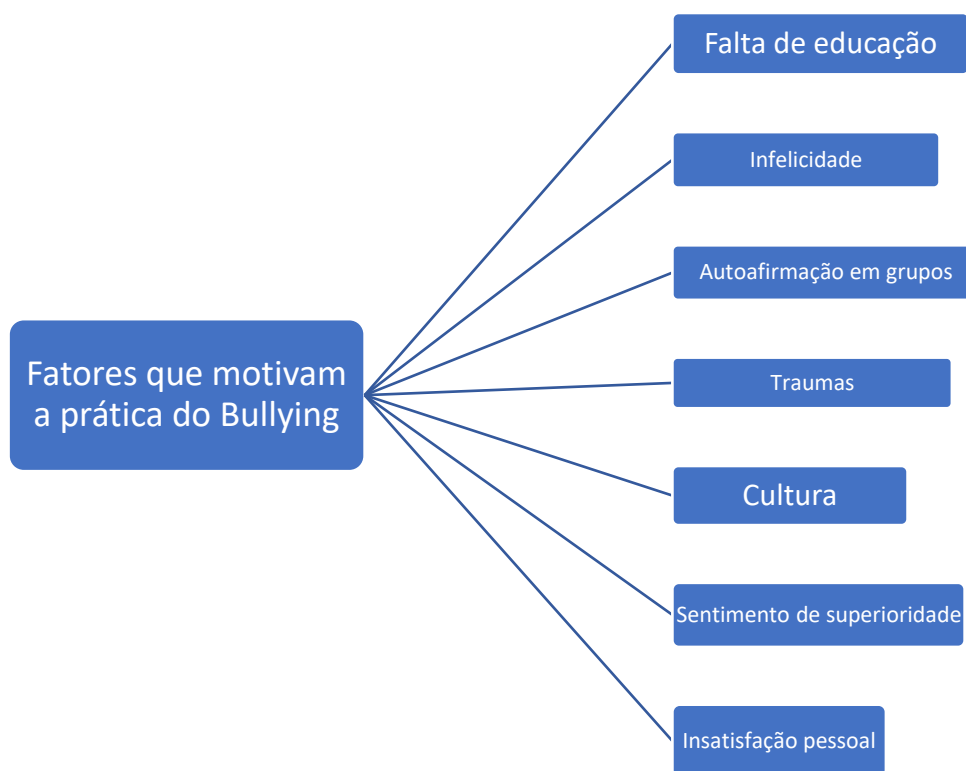
Uma pessoa pode pratica bullying por que ela sofreu bullying, e daí isso pode mover ela a praticar o bullying. É uma pessoa que pode praticar bullying pra tentar se sentir bem, pode ter alguma relação com o ego né, querendo

menosprezar a pessoa pra ela se sentir bem, pra pode ser aceito em grupos de escola, pra entrar em um grupo popular. (Suj. 4)

São vários fatores, mas eu vejo essa questão da autoafirmação em um grupo. A pessoa usa a outra mais fragilizada pra ter essa visibilidade no grupo. (Suj. 9)

Sobre isso, a revisão sistemática de Pigozi e Machado (2015) sobre bullying na adolescência expõe que os jovens demonstram o comportamento agressivo como uma forma de elevar o status e o respeito no meio em que vivem. Além disso, a literatura aponta que os agressores relatam um sentimento de bem-estar ou satisfação após as agressões, associando isso a qualidades positivas que trazem prestígio e liderança entre os pares.

Figura 3 – Fatores que motivam a prática do Bullying.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

De acordo com os discursos dos entrevistados, percebemos que os agressores praticam o Bullying motivados pelo sentimento de superioridade, infelicidade, insatisfação pessoal, como também uma forma de autoafirmação em grupos e até mesmo “falta de educação”. Esses achados concordam com os resultados obtidos por Viana, Souza e Pereira (2015) e Silva *et al.* (2018) sobre a percepção dos adolescentes sobre os motivos que levam a prática do bullying.

É importante ressaltar também os prejuízos que o bullying pode causar a saúde física e mental das vítimas. Sobre isso, Silva *et al.* (2018) após analisarem os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE, 2017) observaram que as vítimas de bullying apresentam maior propensão a solidão, ansiedade, depressão e baixa autoestima, fatores que levam ao isolamento social. Os pesquisadores observaram também que as vítimas de bullying apresentam distúrbio do sono e faltam as aulas com mais frequências que os demais alunos, fato que pode ser explicado pelo medo de sofrer agressões. Além disso, as vítimas de bullying tendem a fazer mais uso de bebida alcoólica e drogas ilícitas quando comparados aos jovens que não sofrem bullying.

Diante disso, para Tognetta e Daud (2018) o bullying é algo degradante, pois precisa ser legitimado pela presença de um público. O agressor sente a necessidade de ser visto com valor diante dos outros, que funcionam como espelho, permitindo o reflexo de sua própria imagem.

Há, portanto, um público que assiste as cenas ou que delas toma conhecimento para que a condição de degradação aconteça. Um público que, caso apartado do sentimento de indignação, tende a validar as agressões através de risos ou de outras atitudes semelhantes. Ou caso se indigne, confronta-se com um dilema estabelecido entre agir a favor da vítima, sob a égide de se tornar o próximo alvo; ou se omitir, por julgar que os riscos da ação não lhes valem à pena. (TOGNETTA; DAUD, 2018, p. 374).

Sobre o período da infância e adolescência, Leopoldino, Santos e Caminha (2020) destacam que esse é um período essencial para o desenvolvimento do sujeito, sobretudo na formação do caráter e afirmação do sujeito dentro do meio social em que vive. É nesse momento da vida que os sujeitos buscam referenciais externos para justificar suas falhas e qualidades. Além disso, segund os autores, os adolescentes experimentam em suas vivências cotidianas uma dupla dimensão, a coexistência e a não existência.

A coexistência é marcada pela abertura dos adolescentes para o mundo e pela percepção da presença dos outros neles, o que proporciona o desenvolvimento dos sentimentos de união, solidariedade, respeito mútuo, entre outros. A não existência ou a ausência de compreensão empática é o oposto da coexistência, portanto, é marcada pelo sentimento de desunião, indiferença e violência, sentimentos que motivam a prática do Bullying.

5.3 Ações pedagógicas adotadas para o enfrentamento do Bullying e formação docente

Essa categoria buscou explorar as formas de abordagem e intervenção que os estagiários utilizaram para discutir o tema do bullying durante as aulas. Quando perguntados se já tinham abordado o tema bullying durante as aulas de educação física, apenas um afirmou ter realizado aulas que abordou a temática. Os demais entrevistados relataram não ter realizado aulas abordando especificamente o tema do bullying.

Eu abordei no estágio II. A escola era outra realidade. Os meninos eram bem instruídos em relação a isso. Eu dei aula, passei uns vídeos de situações reais, primeiro eu fui perguntando, fazendo anamnese pra ver como era mesmo a situação da escola, e a gente nota que sempre ta presente um preconceito reprimido, por mais que ele não se expresse, ele ta lá. E aí, eu mostrei várias situações, expliquei, levei vivências pra quem tinha deficiências, não questão de raça ou peso, mas proporcionei vivências de educação especial. (Suj. 7).

No caso acima, o estagiário explica que conseguiu abordar a temática do bullying dentro do contexto de ensino de esportes para pessoas com deficiências. Nesse caso, destacamos que as crianças com deficiências, sejam elas físicas ou intelectuais, também são alvos constantes de bullying, sobretudo, por meio da exclusão social como aponta os estudos de Tanure Alves e Duarte (2013).

Segundo esses autores, a exclusão social se dava por meio do isolamento social dos alunos com deficiências, fato causado pela falta de estruturação das aulas de educação física para inclui-los nas atividades. Além disso, as crianças com deficiências são vítimas constantes de rejeição, negligência e curiosidade no ambiente escolar, o que afeta diretamente sua autoestima, despertando um sentimento de inferioridade nas mesmas.

Em relação as formas de intervenção diante das situações envolvendo bullying, foi feito a seguinte pergunta “*como você interveem diante das situações envolvendo bullying nas aulas de educação física*”. Podemos perceber que na maioria dos relatos a conduta consistia em parar a aula e conversar sobre o problema.

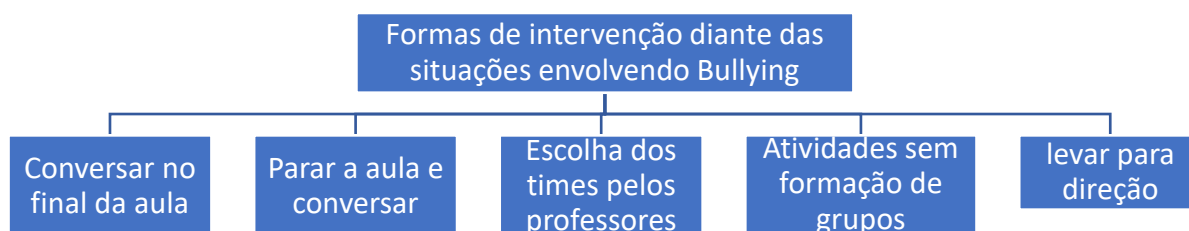
Iria intervir imediatamente, eu iria parar a aula e fazer uma conversa com todos os alunos pra ver questão do bullying, vê se eles entendiam o que era e tentar dialogar. Mas eu pessoalmente, não tive uma formação que me permitisse estar preparado para lidar com tais situações, então é algo que eu faria no senso comum. (Suj. 4)

Eu vejo que eu não teria preparo suficiente pra isso, que realmente eu precisaria de uma instrução a mais, porque creio que o meu comportamento diante de uma situação como essa seria só conversar com os alunos e assim como o professor da disciplina levar pra coordenação. (Suj. 5)

Outras medidas foram relatadas também tais como escolher os integrantes dos times, a fim de não haver predileção pelos mais habilidosos e exclusão dos menos habilidosos, realizar atividades que não exigiam a formação de grupos ou encaminhar o aluno para a direção.

Colocando eles pra participarem. Quando acontecia essas exclusões eu tentava incluir o máximo, eu que tirava os times, eu tentava minimizar. [...] eu explicava que ali era uma escola e que tinha que trabalhar junto. (Suj. 1)

Figura 4 – Formas de intervenção diante das situações envolvendo Bullying



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A partir dessas falas podemos notar a falta de preparo de alguns estagiários para lidar com situações envolvendo o bullying. As falas demonstram que os estagiários na maioria das vezes parariam as aulas e tentariam resolver as situações de conflitos entre os alunos por meio da conversa e até mesmo do improviso.

Outro fato que nos chamou atenção foi a fala dos sujeitos 2 (dois) e 9 (nove) quando optaram por não tratar diretamente do assunto Bullying quando presenciavam o fenômeno durante as aulas. Para os mesmos, os conflitos que surgiam durante as aulas poderiam ser resolvidos de forma indireta por meio de atividades integrativas.

Eu sempre tentava passar uma mensagem, principalmente sobre isso, que era o que eu via na minha turma em todas as aulas, principalmente focar em atividades que não precisassem dividir eles em grupo. Fazer com que todos tenham que trabalhar em conjunto. [...] foi uma maneira que eu tentei experimentar pra fazer com esse problema fosse resolvido de uma forma não direta. (Suj. 2)

Mas sempre que a gente via algo nesse sentindo, a gente sempre parava, conversava, tentava integrar. Mas não explicitamente falar sobre o que é bullying. Até algumas atividades eram integrativas pra tentar combater isso. (Suj. 9)

Sobre isso, devemos ressaltar que falar diretamente sobre o Bullying é necessário para combatê-lo no ambiente escolar, sobretudo, nas aulas de educação física. Para Trevisol e Campos (2016) essa atitude demonstra que o professor está atento aos conflitos que surgem durante as aulas, podendo estabelecer uma relação de confiança com seus alunos de modo que possa encorajar as vítimas a falar sobre os casos de agressões que sofreram. Dessa forma, é possível estabelecer a troca de experiências e criar estratégias para combater o bullying.

Durante as entrevistas foi observado por meio dos relatos que os participantes não se sentiam preparados para abordar ou intervir diante do fenômeno do Bullying nas aulas de educação física. Diante disso, os mesmos foram questionados sobre aspectos relacionados a formação acadêmica em licenciatura em educação física.

Quando questionados “*você já cursou alguma disciplina que abordou a temática do bullying*”, 10 (dez) entrevistados relataram que não lembram de nenhuma disciplina que abordou o tema, e 3 (três) entrevistados afirmaram que algumas disciplinas do departamento de educação trataram do assunto bullying de forma superficial e que não exploraram formas de abordagem e intervenção relacionados ao bullying. Dos 3 (três) entrevistados que cursaram alguma disciplina que abordou a temática do bullying, dois informaram que essa temática também foi abordada na disciplina de educação física especial.

Diante disso os mesmos foram questionados “*você se sente capacitado para intervir diante das situações envolvendo bullying*”, dos entrevistados, apenas um afirmou sentir-se apto para atuar diante dessas situações.

Eu achei na minha formação que tive um pouco de carência. Eu só tive alguns diálogos e conversas sobre isso no estágio, que é onde a gente vê que acontece as coisas e um pouquinho nas aulas de esporte adaptados, que era só sobre algumas das vivências sobre jovens que tinham alguma deficiência, alguma necessidade especial. (Suj. 2)

Eu acredito que poderia ter alguma disciplina que possa envolver o assunto bullying diretamente ou associar isso a outros assuntos [...] assuntos que são comuns na vivência escolar que a gente precisa lidar. É algo tão comum lá na escola, mas na universidade, na preparação não é algo comum. Então eu acredito que uma disciplina podia dar ideias básicas pra gente pode enfrentar o bullying. (Suj. 4)

Seria legal se a gente tivesse um dia uma aula específica somente pra isso, em quais tipos de atividades a gente poderia trabalhar o bullying, como reagir... coisas específicas e não tão superficiais como normalmente a gente vê na universidade. (Suj. 5)

Esses achados corroboram com as afirmações de Tognetta e Daud (2018, p. 380) que dizem que “a formação de professores no Brasil tem sido tratada de maneira superficial e

ingênua [...]” e que intervenções satisfatórias dependem do investimento na formação pedagógica de professores para que os mesmos reflitam, compreendam a gênese do problema e as implicações pedagógicas, permitindo a assimilação de valores morais que almejam alcançar.

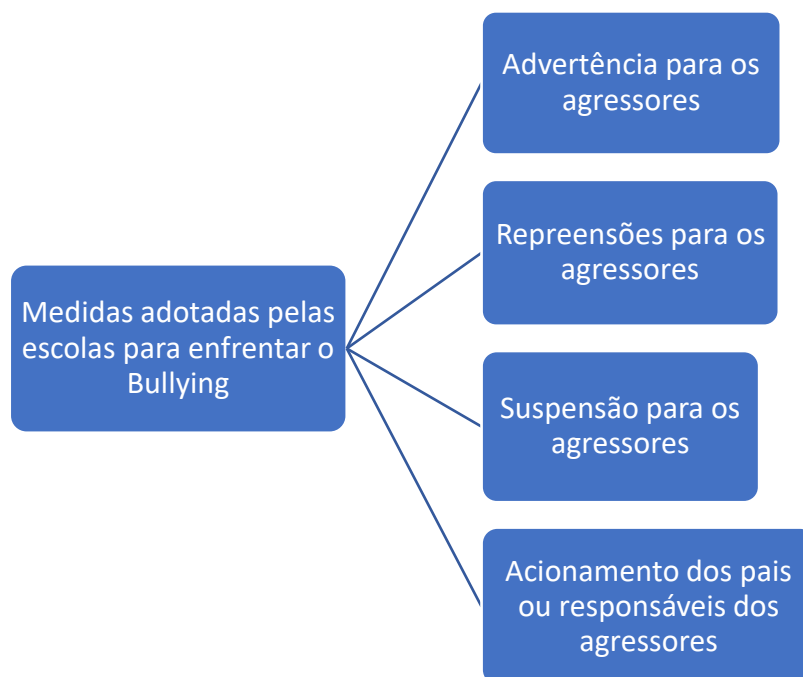
As falas dos sujeitos entrevistados reforçam os dados encontrados na literatura sobre as falhas na formação de professores capacitados para combater o bullying. De acordo com Clemente, Silva e Vitale (2020) e Silva *et al.* (2018), não existem nas escolas estruturas ou organizações voltadas ao combate do bullying. Além disso, os profissionais que constituem o corpo pedagógico da escola apresentam poucos conhecimentos sobre o bullying e como intervir diante dessas situações.

Afinal, quando a intuição e o improviso se constituem em fundamento para as intervenções, a dificuldade automaticamente se instala, principalmente quando as contingências inerentes as práticas pedagógicas obrigam os professores, a de fato, educar. (TOGNETTA; DAUD, 2018, p. 372)

As falas destacadas acima concordam também com a pesquisa de Silva, Oliveira e Bazon (2014) e Clemente, Silva e Vitale (2020), onde os professores entrevistados revelaram não se sentirem preparados para lidarem com o bullying. Segundo os autores, os professores possuem poucos conhecimentos a respeito do bullying, apesar de ser algo frequente no ambiente escolar. Nessa pesquisa, os professores demonstraram agir apenas de forma pontual quando visualizavam as agressões, não realizando nenhum trabalho contínuo de prevenção como medida eficiente para combater o bullying.

5.4 Posicionamento da escola diante do Bullying

Quando questionados “*você recebeu alguma orientação por parte da coordenação pedagógica ou direção da escola sobre como proceder quando presenciasse alguma situação envolvendo bullying*”, os estagiários afirmaram que não receberam nenhuma orientação quanto a esse assunto. Os mesmos relataram também que não presenciaram nenhuma iniciativa por parte da gestão das escolas que buscasse prevenir a prática do bullying como protocolos ou programas de combate ao Bullying. Segundo os entrevistados, as escolas atuavam apenas no sentido de repreender os praticantes do bullying com advertências, repreensões, suspensão escolar e acionamento dos pais ou responsáveis.

Figura 5 – Medidas adotadas pelas escolas para enfrentar o Bullying

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Os estagiários foram questionados também sobre qual era a abordagem e a conduta do professor de educação física da escola diante das situações envolvendo Bullying. Sobre isso, os entrevistados relataram não ter presenciado durante o período de estágio nenhuma aula que abordasse o tema. Os mesmos relataram que os professores interviam nos momentos em que presenciavam o bullying parando a aula e conversando com os estudantes ou encaminhando os agressores para a direção.

Ele parava a aula pra falar. Ele dava uns esporros nos meninos e depois deixava a gente seguir a aula. Esporro no sentido de que aquilo não era pra ser praticado, que aquilo era coisa de criança imatura. Não era uma coisa muito pedagoga, mas era a forma que ele encontrava de comandar e fazer com que os meninos não fizessem mais aquilo. (Suj. 1)

A professora falava. Ela parava a aula e conversava. Ela levava pra direção em casos extremos. (Suj. 2)

Repreendiam e mandavam pra coordenação se continuassem. (Suj. 5)

A respeito dessas atitudes, Tognetta e Daud (2018) dizem que faz diferença a conduta do professor que não terceiriza o problema do bullying à direção ou à coordenação. Desse modo, o professor ensina aos alunos que a violência, a falta de respeito e a intolerância ao diferente precisam ser resolvidos entre os pares dentro do ambiente pedagógico, fortalecendo,

dessa forma, a vítima de bullying. Fazendo-a perceber que o valor daquela sala de aula é o respeito, e que se investe tempo nisso.

A conduta dos professores relatada pelos estagiários corresponde aos achados de Clemente, Silva e Vitale (2020), que notou durante suas pesquisas que os professores resolviam os conflitos entre os alunos de forma simplista e intuitiva, demonstrando possuir poucos conhecimentos a respeito da literatura e legislação sobre o tema. Ainda segundo os autores, essas formas superficiais de resolução de conflitos são frutos da ideia de que os professores devem desenvolver habilidades para resolução de conflitos com base apenas nas suas vivências em sala de aula.

A respeito da formação profissional dos docentes, Trevisol e Campos (2016) sugerem que os cursos de licenciatura reformulem seus currículos a fim de incluir na formação dos professores estratégias e intervenções que sejam eficazes para enfrentar e combater não só as práticas de bullying, mas todas as formas de violências que surgem dos conflitos interpessoais no âmbito da escola.

Diante disso, percebemos que não basta identificar a presença do bullying na escola e nas aulas de educação física, é preciso que todos que compõem o corpo pedagógico da escola possuam conhecimentos e capacitação para intervir diante dessas situações. Os alunos precisam olhar para a escola como um ambiente seguro de aprendizagem e enxergar na figura do professor alguém sensível e, sobretudo, preparado para resolver da melhor forma as situações de conflitos entre os alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying é um problema social que está presente no ambiente escolar. Crianças e adolescentes são alvos constantes de intimidações que ocorrem, entre outros lugares, nas aulas de educação física. As vítimas de bullying, além de sofrerem constrangimentos, podem apresentar problemas de desenvolvimento de habilidades sociais, levando a depressão e isolamento social. Nesse sentido, o ambiente escolar exige dos professores cada vez mais conhecimentos e intervenções pedagógicas eficientes para atuar frente a esse fenômeno.

Os professores de educação física trabalham com o principal alvo do bullying, o corpo. No presente estudo observamos que as características físicas, diferenças de gênero, cor da pele, performance motora e capacidade intelectual estão entre os fatores que motivam essa prática entre os jovens. O bullying verbal e relacional foram as formas de bullying mais presenciadas no ambiente escolar segundo os participantes.

A percepção dos estagiários sobre o bullying é variável. Os entrevistados consideram como bullying as ofensas, agressões, violência, exclusão, discriminação e tratamentos desagradáveis. Durante as entrevistas foi observado também que os entrevistados não possuíam um conceito bem elaborado sobre o bullying, o que pode prejudicar na elaboração de intervenções bem sucedidas.

Os participantes consideram que a má educação recebida no seio familiar, infelicidade, traumas, insatisfação pessoal, sentimento de superioridade e autoafirmação em grupos são fatores que motivam a prática do bullying entre os jovens no período escolar. Em relação as formas de abordar o bullying durante as aulas, apenas um estagiário relatou ter abordado a temática quando ministrou aulas de educação física adaptada para pessoas com deficiências.

Os demais estagiários não trataram especificamente sobre o bullying durante os períodos de estágio supervisionado. As formas de intervenção dos participantes quando se deparavam com situações envolvendo bullying consistia em parar a aula e conversar, desenvolver atividades que não exigissem a formação de grupos, escolher os times e levar os alunos envolvidos nas práticas de bullying para a coordenação pedagógica.

Durante as entrevistas, os participantes relataram que não se sentiam capacitados para atuar diante das situações envolvendo bullying. A maioria dos participantes informaram também que não cursaram durante o curso de graduação em educação física disciplinas que abordassem o tema de forma aprofundada, fato que contribuiu para realização de intervenções guiadas pela intuição e improviso.

Em relação a posição das escolas diante do bullying, nenhum estagiário relatou ter recebido orientações da coordenação pedagógica sobre como lidar com essas situações. Os mesmo relataram também que não identificaram nas escolas protocolos, programas de combate ao bullying ou outras formas de prevenção desse fenômeno. De acordo com os participantes os professores de educação física das escolas também não abordaram a temática do bullying durante o período de acompanhamento das aulas, e realizavam apenas intervenções pontuais quando presenciavam as agressões motivadas pelo bullying.

Diante disso, percebemos que a falta de conhecimentos sobre como intervir perante as práticas de bullying inicia na formação acadêmica dos professores de educação física. É necessário que ocorram mudanças na estrutura curricular dos cursos de licenciatura em educação física, de modo que os conflitos interpessoais entre os jovens no ambiente escolar seja tema de profundas discussões e elaboração de modos de abordagens e intervenções.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Nayara Costa; MAGALHÃES NETO, Aníbal Monteiro. Prevalência De Bullying E Violência Escolar Nas Aulas De Educação Física. **SAJEBTT**, Rio Branco, v. 6 n. 2, p. 358-367, ago./dez. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BESERRA, José Thiago Soares; BRITO, Ahecio Kleber Araujo; RIBEIRO, Sergio Luis Galan. Homofobia nas aulas de educação física: um desafio para os professores de educação física do município de Buriti dos Montes - Piauí. **Form@re**, Piauí, v. 7, n. 2, p. 81-90, jul./dez. 2019.
- BERLESE, Denise *et al.* Bullying e violência social: Vivência de adolescentes obesos. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Colômbia, v. 15, n. 1, p. 491-503, jan./jun. 2017.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. prendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRASIL. **Diretrizes E Bases Da Educação Nacional**. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 16 de março de 2020.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.
- BRASIL. **Programa de combate a intimidação sistemática (bullying)**. Lei Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 16 de março de 2020.
- BULLYING, Violência e Educação Física nas Escolas Municipais do Rio de Janeiro. **Motricidade**. 2018, vol. 14. n. S1, pp. 234-244.
- CARAPELLO, Raquel. O Racismo Camuflado Pelo Bullying. **Revista Educação**. v.15, n.1, 2020.
- CHICON, José Francisco. Inclusão e exclusão no contexto da educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 13-38, janeiro/abril de 2008.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2011.
- CLEMENTE, Marcelo Reis; SILVA, Dalva Alves; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Reflexões acerca do conhecimento, atitudes e opiniões de professores sobre o *bullying*. **Revista Educação**. v.15, n.1, 2020.
- CRELIER, Cátia Malaquias; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Africanidade e afrobrasilidade em educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1307-1320, out./dez. de 2018.

BANDEIRA, Claudia de Moraes; HUTZ, Cláudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012:35-44.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LÔBO, Clariane Ramos; SANTOS, Cristiane da Silva. Visão geral dos alunos do ensino fundamental sobre preconceitos envolvendo sobrepeso/obesidade durante as aulas de educação física em uma escola pública de formosa goiás. **Educação Física em Revista – EFR**. 2015, v. 9, n. 2, p. 86-103.

MAIA, Lucina de Lourdes; Araújo, Alisson; SANTOS JÚNIOR, Adelino. O entendimento da violência escolar na percepção de adolescentes. **Rev Med Minas Gerais** 2012; 22(2): 166-173.

MATTOS, Michele Ziegler; JAEGER, Angelita Alice. Bullying e as relações de gênero presentes na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 349-361, abr./jun. de 2015.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(5):1553-1564, 2017.

OLWEUS, Dan. **Aggression in the School: bullies and whipping boys**. John Wiley & Sons Inc, 1978.

Pesquisa da ONU mostra que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu bullying. **Naçõesunidas**, 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-do-mundo-ja-sofreu-bullying/>. Acesso em: 16 de março de 2020.

Pesquisa Nacional De Saúde Do Escolar: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p.

PIGOZI, Pamela Lamarca; Machado, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20(11):3509-3522, 2015.

PRADO, Vagner Matias do. Entre queerpos e discursos: normalização de condutas, homossexualidades e homofobia nas práticas escolares da Educação Física. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 501-519, maio/ago. 2017 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, J. L *et al.* Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(7):2329-2340, 2017.

SILVA, JL, Mello FCM, Oliveira WA, Prado RR, Silva MAI, Malta DC. VITIMIZAÇÃO POR BULLYING EM ESTUDANTES BRASILEIROS: RESULTADOS DA PESQUISA

NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (PENSE). **Texto Contexto Enferm**, 2018; 27(3):e0310017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas na escola. 2 ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Fábio luiz da; MUZARDO, Fabiane Tais. ZAMARIAM, Julho; SILVA, Fábio Alexandre. As violências no ambiente escolar: o bullying na percepção de professores e alunos. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 12 v. 12 n. 23 jul/dez 2018.

SILVA, J. L., et al. *Bullying*: Conhecimentos, Atitudes e Crenças de Professores. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 2, pp. 147-156, abr.-jun. 2014.

SILVA, J. L., Oliveira, W. A., Bazon, M. R., Cecílio, S. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 65 (1): 121-137, 2013.

SITTA, Érica Ibelli. *et al.* A contribuição de estudos transversais na área da linguagem com enfoque em afasia. **Rev. CEFAC**. 2010 Nov-Dez; 12(6):1059-1066.

STAKE, Robert. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. São Paulo: Penso, 2011.

TANURE ALVES, Maria Luíza; DUARTE, Edison. A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com Deficiência. **Movimento**, vol. 19, núm. 1, enero-marzo, 2013, pp. 117-137.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; DAUD, Rafael Petta. Formação docente e superação do bullying: um desafio para tornar a convivência ética na escola. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 369-384, jan./mar. 2018.

TREVISOL, Maria Teresa; CAMPOS, Carlos Alexandre. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 20, Número 2, Maio/Agosto de 2016: 275-283.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo., São Paulo: Atlas 1987.

VIANNA, José Antonio; DE SOUZA, Silvana Márcia; PEREIRA DOS REIS, Katarina. Bullying nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio Ensaio: **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, vol. 23, núm. 86, enero-marzo, 2015, pp. 73-93. Fundação Cesgranrio. Rio de Janeiro, Brasil.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida *et al.* Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar. 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – ESTAGIÁRIOS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Olá! Meu nome é Jonatha de Jesus Ferreira, sou estudante de educação física da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e gostaria de entrevistá-lo(a) para coletar dados para realização do meu trabalho de conclusão de curso intitulado: *O BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS DOS ESTAGIÁRIOS DA PRÁTICA DE ENSINO DA UFPB*. Sob orientação do Prof. Dr. Iraquiton de Oliveira Caminha. Desde já agradeço pela sua contribuição na minha pesquisa. Declaro que aceito todas as condições relacionadas a gratuidade da pesquisa, seu caráter voluntário e permito que os dados sejam apresentados sem nomeação específica.

1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS: esta categoria trata de aspectos relacionados à sociologia, demografia, escolaridade, biometria e dados culturais dos sujeitos entrevistados.

1 Nome: _____

1.1 Idade: _____ 1.2 Sexo: Masculino () Feminino ()

1.4 Cor da pele: Branco () Negro () Pardo () Amarelo () outro: _____

1.5 Cursou alguma disciplina que abordou o tema Bullying no curso de educação física? ()
sim () não. Se positivo, quais ?

1.6 Já participou de eventos ou cursos que trataram da temática Bullying? () sim () não. Se
positivo, quais ?

2 ASPECTOS DA OCORRÊNCIA DO BULLYING NAS AULAS: Essa categoria busca analisar o contexto em que ocorreram as situações envolvendo bullying, considerando os comportamentos e características dos agressores e vítimas.

2.1 Você já presenciou alguém sofrendo bullying durante as aulas de educação física? () sim () não. Se positivo, descreva como aconteceu, destacando o comportamento do agressor e da vítima?

3 PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE O BULLYING: esta categoria busca compreender o que os discentes percebem ou pensam sobre o bullying

3.1 O que você entende como bullying?

3.2 Por que você acha que as pessoas sofrem bullying?

3.3 O que você pensa sobre as pessoas que praticam bullying?

4 AÇÕES PEDAGÓGICAS ADOTADAS PARA O ENFRENTAMENTO DO BULLYING: esta categoria identifica as ações pedagógicas adotadas para o enfrentamento do bullying

4.1 Você já abordou o tema Bullying durante suas aulas como estagiário? Se positivo, de que forma?

4.2 Como você intervém diante das situações envolvendo Bullying nas aulas de educação física?

5 POSICIONAMENTO DA ESCOLA DIANTE DO BULLYING: esta categoria busca compreender como a escola aborda a temática do bullying durante o ano letivo, quais são as estratégias utilizadas e as formas de intervenção.

5.1 A escola aborda ou orienta que os professores tratem a temática do bullying durante o ano letivo? Sim () Não () Se positivo, de que forma?

5.2 Como a direção ou coordenação pedagógica interveem nas situações envolvendo bullying?

5.3 A escola possui algum protocolo ou programa de combate ao bullying? Sim () Não () Se positivo, como funciona ?

5.4 Como os professores abordavam a temática do bullying nas aulas e quais as providências tomadas diante dessa prática.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: O Bullying nas aulas de educação física escolar: uma análise das intervenções pedagógicas dos estagiários da prática de ensino da UFPB.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o bullying nas aulas de educação física nas escolas públicas da cidade de João Pessoa/Pb e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Jonatha de Jesus Ferreira aluno do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Iraquitán de Oliveira Caminha.

Os objetivos do estudo são analisar as intervenções pedagógicas adotadas pelos estagiários do curso de licenciatura em educação física para combater o Bullying nas aulas de educação física escolar. A finalidade deste trabalho é contribuir para a melhor compreensão do bullying durante as aulas de educação física, bem como contribuir para melhorar as aulas de educação física escolar.

Solicitamos a sua colaboração para entrevistar, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (*se for o caso*).

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha



Espaço para impressão dactiloscópica

Contato com o Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador JONATHA DE JESUS FERREIRA - Telefone: (83) 98808.-6452. Endereço: Castelo Branco, s/n. Campus Universitário. Departamento de Educação Física.

ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS – UFPB

Endereço: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA**CARTA DE ANUÊNCIA****(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)**

Aceito o professor pesquisador: **Iraquiton de Oliveira Caminha** CPF: 3360.733.854-04 e o aluno pesquisador: Jonatha de Jesus Ferreira, pertencentes ao DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DEF/CCS/UFPB a desenvolver sua pesquisa intitulada **O BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE SOBRE AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS DOS ESTAGIÁRIOS DA PRÁTICA DE ENSINO DA UFPB**. Tal como foi submetida à Plataforma Brasil e ao comitê de ética em pesquisa.

Ciente dos objetivos, técnicas e métodos que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, e concedo a anuência desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa; e
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

João Pessoa, ____/____/____.

Diretor(a) da instituição/órgão